

USOS DE “SE” ANTICAUSATIVO EM PB E PE

Sílvia Isabel do Rosário RIBEIRO

Introdução

Este trabalho centra-se na análise de estruturas como as de 1) – 7), que, ocorrendo com frequência em Português Brasileiro (PB) e em Português Europeu (PE), se caracterizam por (i) denotarem situações de mudança de estado, (ii) serem estruturas sintaticamente intransitivas, correlacionáveis com estruturas transitivas correspondentes, (iii) incluírem verbos de alternância causativa e (iv) por registarem alguma flutuação no que respeita à presença/ausência do clítico *se*.

- 1) *Então, a cadeia **se rompeu** pelo lado mais fraco (FSP950115-007)*
- 2) *O acidente ocorreu quando a parede de metal do reservatório **rompeu** (PUBLICO-19941012-097)*
- 3) *O Titanic de quase 48 mil toneladas **partiu-se** em dois e levou duas horas e 40 minutos a afundar. (PUBLICO-19941116-121)*
- 4) *Este acidente pode superar o pior da história do país, que matou 119 pessoas quando o barco em que viajavam **partiu** em dois ao ser abalroado por um petroleiro, em 1992. (FSP940214-013)*

- 5) *O governo [...] se assustou quando viu os dados sobre o aumento das importações de carros. (FSP950131-061)*
- 6) *Mas o sociólogo Boaventura Sousa Santos não se assustou com a formalidade do acto [...] (PUBLICO-19950722-118)*
- 7) *Mas o gosto atravessou oceanos e europeizou-se (PUBLICO-19950310-149).*

Trata-se de estruturas que têm sido recorrentemente estudadas, sob diversas perspectivas teóricas, nas últimas décadas (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995; MENDIKOETXEA, 1999; SANCHEZ LOPEZ, 2002; REINHART; SILONI, 2005; SCHÄFER, 2009), sendo apelidadas de estruturas decausativas, anticausativas, incoativas ou ergativas.

Começaremos por apresentar as principais características destas construções, centrando-nos nas alterações argumentais que lhes estão subjacentes. Posteriormente, partindo da análise de ocorrências recolhidas através do corpus CETEM CHAVE (disponível no Portal da Linguateca <<http://www.linguateca.pt/>>), procuraremos identificar padrões no que concerne à presença ou ausência do clítico **se** em estruturas deste tipo.

Estruturas anticausativas: contributos para uma caracterização da estrutura temático-argumental

Construídas em torno de verbos de alternância causativa, isto é, de verbos que admitem dois padrões de realização sintática¹ – uma variante transitiva causativa (8) e uma variante intransitiva anticausativa (9) –, as estruturas anticausativas assentam em substanciais alterações na organização e materialização da estrutura temático-argumental dos predicadores em questão (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995).

¹ Esta não é uma perspetiva consensual; em Schäfer (2009) encontra-se uma interessante resenha das principais posições a este respeito.

- 8) *Um pedaço de cimento quebrou o para-brisas.*
- 9) *O para-brisas quebrou-se com a tempestade.*

Quando integrados em estruturas transitivas-causativas, os verbos de mudança de estado exibem um sujeito que, por norma, denota uma entidade (em (8), **um pedaço de cimento**) com capacidade para desencadear a mudança de estado descrita pela predicação. O sintagma nominal com função de objeto direto (em (8), **o para-brisas**) codifica uma entidade que, forçosamente, tem as propriedades necessárias para poder sofrer a mudança de estado designada pelo verbo e que, em termos semânticos, se assume como Tema ou Experienciador (de acordo com as propriedades do verbo em uso).

Quando o falante opta por não mencionar a causa externa que espoleta a mudança de estado e/ou quando prefere não lhe atribuir tanta proeminência informativa, recorre às estruturas intransitivas anticausativas correspondentes, como em (9). Estas construções codificam a mudança de estado de uma determinada entidade, sem referir o evento causador que a espoleta (ou referindo-o opcionalmente) (PEREIRA, 2007). Assim, quando integrados em estruturas intransitivas anticausativas, os verbos de mudança de estado exibem um sujeito sintático que corresponde ao objeto afetado (em 9, **o para-brisas**), sendo perfeitamente admissível que o causador não tenha presença na linearidade frásica.

Na linha do proposto por Levin e Rappaport-Hovav (1995), acreditamos que ambas as variantes de um verbo de alternância causativa partilham a mesma estrutura semântico-temática, basicamente diádica, que se consubstancia, em termos semântico-temáticos, na presença de um argumento Causa e de um argumento Tema ou Experienciador. Subjacente à variante transitiva destes verbos está a projeção destes dois argumentos temáticos para a estrutura argumental: ao argumento Causa associa-se o argumento externo; ao argumento Tema/Experienciador associa-se o argumento interno. Estes, por sua vez, ocorrem na estrutura sintática como sujeito e objeto direto, respetivamente, como se visualiza na Figura 1.

Figura 1 – Organização temático-argumental subjacente às estruturas transitivas causativas

Estrutura Temática	Causa	Tema/Experienciador
Estrutura Argumental	\underline{X}^2	Y
Estrutura Sintática	Sujeito (<i>um pedaço de cimento</i>)	Objeto Direto (<i>o para-brisas</i>)

Fonte: Pablo Nunes Ribeiro (2011, p.239).

Nas estruturas anticausativas, ainda segundo Levin e Rappaport Hovav (1995), o argumento Causa, a que se associa uma interpretação existencial que não interessa especificar, imobiliza-se na estrutura temática, não chegando a projetar-se na estrutura argumental, que, assim, exhibe um único argumento: o argumento interno. Em consequência da imobilização do argumento Causa na estrutura temática, não se associa qualquer papel temático ao argumento externo, estando assim reunidas as condições necessárias para a ativação da Generalização de Burzio: não se associando qualquer papel temático ao argumento externo, os predicadores em causa deixam de ter capacidade para atribuir caso acusativo e, por isso, o argumento interno vê-se impedido de ocorrer na sua posição sintática habitual (OD), acabando por ocupar a posição de sujeito. Ou seja, nas estruturas em análise, estamos perante um processo de reorganização argumental, a que chamamos anticausativização (ou decausativização, como REINHART; SILONI, 2005), que reanalisa um predicado sintaticamente transitivo num predicado intransitivo inacusativo. O esquema da Figura 2 permite visualizar a reorganização temático-argumental subjacente às estruturas intransitivas anticausativas.

² Assinala-se a sublinhado o argumento externo.

Figura 2 – Organização temático-argumental subjacente às estruturas transitivas antiausativas

Estrutura Temática	Causa	Tema/Experienciador
Estrutura Argumental	-----	Y
Estrutura Sintática	Sujeito (o para-brisas)	-----

Fonte: Pablo Nunes Ribeiro (2011, p.239).

Assumindo esta proposta de análise, aceitamos que as estruturas intransitivas anticausativas têm uma estrutura argumental unária, composta apenas pelo argumento interno (correspondente ao argumento com o papel temático de Tema/Experienciador). Assim se justifica que apenas este argumento possa aflorar na linearidade sintática com estatuto argumental. Efetivamente, nestas estruturas, a entidade desencadeadora da mudança de estado ou não tem presença na linearidade frásica (10) ou ocorre como adjunto, sob a forma de um sintagma preposicional (11) ou de uma oração subordinada (12-13).

(10) *A vidraça partiu-se.*

(11) *A vidraça partiu-se com a ventania.*

(12) *Como o vento era forte, a vidraça partiu-se.*

(13) *A vidraça partiu-se quando a tempestade eclodiu.*

Verificamos, portanto, que nas estruturas anticausativas, apesar de sintaticamente intransitivas, é possível a presença, sob a forma de um adjunto, da entidade desencadeadora da ação (11). Neste ponto, as estruturas anticausativas afastam-se das passivas de *se* (14), na medida em que nestas, no atual corte sincrónico do Português, não é possível a presença de um **sintagma-por** que materialize na linearidade frásica a entidade, semanticamente inespecificada, que estaria na origem da ação descrita.

- (14) *Para salvar os operários encurralados, partiram-se as vidraças *pelos bombeiros.*

Acredita-se atualmente que esta impossibilidade de ocorrência do **sintagma-por**, tendencialmente associado à manifestação do argumento externo nas passivas perifrásticas, decorrerá do facto de na estrutura sintática das estruturas passivas de **se** se encontrar já representado o correspondente argumento temático, precisamente através do clítico³.

Nas estruturas anticausativas, pelo contrário, é perfeitamente aceitável a coocorrência do clítico e de adjuntos que codifiquem a entidade causadora/desencadeadora da mudança de estado. Assim sendo, não é de crer que neste contexto o clítico se assuma como manifestação, ainda que atenuada, do papel temático correspondente ao argumento externo, pois, se assim fosse, esperar-se-ia a incompatibilidade registada nas passivas com clítico. Vejam-se os contrastes de gramaticalidade entre as estruturas seguintes.

- (15) [*Estes imóveis*]_{Tema} *venderam-se a preço de saldo* [**pelos construtores*]_{Agente}.
- (16) [*As vidraças*]_{Tema} *partiram-se* [*com as chuvas torrenciais do fim-de-semana*]_{Causa}.

Passivas e anticausativas de *se* afastam-se, portanto, no que respeita ao carácter argumental do clítico nelas incluído: nas primeiras, **se** assume-se como manifestação lexicalmente atenuada do argumento externo, impedindo a sua presença na linearidade frásica através de outros constituintes; nas segundas, em que é possível a presença simultânea de adjuntos que materializam o argumento

³ A base para esta análise surge em trabalhos como os de Baker, Jonhson e Roberts (1989), que constroem a sua argumentação em torno da ideia de que nas passivas do Inglês o argumento externo tem manifestação através da própria morfologia passiva. Assim, nas passivas de clítico do Português, esta unidade figuraria simultaneamente como operador diatéstico, na medida em que espoleta o reajuste argumental subjacente a estas estruturas, e como manifestação, sintático-lexicalmente mitigada e referencialmente indeterminada, do argumento externo. Para mais detalhes a este respeito, consulte-se Sílvia Isabel do Rosário Ribeiro (2011).

com o papel temático Causa, e de *se*, depreende-se que este clítico não terá estatuto argumental.

Por outro lado, estas duas ocorrências de *se* também se distinguem pelo facto de *se* apassivador se comportar como operador diatésico, tendo uma participação importante na reorganização argumental que sabemos ser inerente às estruturas passivas. Nestas, a ausência do clítico implica a perda da leitura passiva e o surgimento de estruturas agramaticais, como se verifica em (17- 18).

(17) **As armas destruíram para evitar novos confrontos.* (vs. *As armas destruíram-se para evitar novos confrontos.*)

(18) **Estes imóveis venderam a preço de saldo.* (vs. *Estes imóveis venderam-se a preço de saldo.*)

Contrariamente, são muitas as estruturas anticausativas que ocorrem sem clítico (19-20), sendo sentidas pelos falantes como perfeitamente gramaticais. Deste modo, não podemos afirmar que seja o clítico a fomentar a reorganização argumental própria destas construções e a concomitante perda do argumento Causa, não podendo, por isso, perspetivar-se como operador diatésico decausativizador.

(19) *A vidraça partiu com a ventania.*

(20) *O navio afundou durante a tempestade.*

Assim, ganha força a possibilidade de percecionarmos este clítico que ocorre nas estruturas decausativas como um marcador diatésico, cuja função não passaria por espoletar a reorganização argumental associada a tais construções, mas por assinalar, quando necessário, a perda do argumento Causa.

Acreditamos que o estudo dos dados concretos do PB e do PE respeitantes à presença/ausência do clítico poderá trazer nova luz sobre esta questão. Efetivamente, apesar de ser consensual a constatação de que há uma grande flutuação a este nível, em ambas as variantes, com especial ênfase na variante brasileira, (NUNES,

1995; SOUZA, 1999; RIBEIRO, P., 2010; NEGRÃO; VIOTTI, 2015), não há estudos suficientemente amplos que permitam perceber a abrangência deste fenômeno nem que conduzam a uma clara identificação das razões que lhe estão subjacentes.

Ainda assim, afigura-se como relativamente consensual, a partir do proposto por autores como Paulo Chagas de Souza (1999) e Pablo Nunes Ribeiro (2010), a existência de uma tendência de perda de clítico anticausativo mais acentuada no PB do que no PE. Nas próximas seções, analisaremos dados empíricos das duas variedades do Português, de modo a obtermos informações quantitativas que nos permitam corroborar ou não tais percepções, procurando, em simultâneo, identificar as razões subjacentes a esta flutuação.

Estruturas anticausativas de mudança de estado em PB e em PE: padrões de presença/ausência do clítico “se”

Dada a grande variedade de estruturas anticausativas de mudança de estado, consideramos relevante definir subgrupos de construções que permitam uma análise mais especiosa dos dados recolhidos. Para tal, atendendo ao tipo de mudança de estado que descrevem, são identificáveis, pelo menos, três grandes grupos de estruturas anticausativas de mudança de estado:

- a) estruturas que descrevem mudanças de estado físico;
- b) estruturas que denotam mudanças de estado psicológico;
- c) estruturas que codificam mudanças de estado social/cultural.

Agrupamos nas estruturas decausativas de mudança de estado físico construções como as seguintes:

- (21) *A equipe dos EUA concluiu que a placa tectônica indo-australiana, que contém os dois países, se quebrou.*
(FSP950807-023)

- (22) *O robô estava a ser içado a partir de um helicóptero quando o cabo que o sustinha se rompeu. (PUBLICO-19940812-045)*

Nestas construções, para além de identificarmos um SN sujeito que corresponde à materialização do argumento interno Tema (“a placa tectónica indo-asutrialiana”; “o cabo que o sustinha”), verificamos a ausência de materialização sintática do argumento Causa e constatamos que nelas ocorrem predicadores que participam na alternância causativa.

No conjunto das estruturas decausativas que denotam mudanças de estado físico propomos a delimitação de três subgrupos: (i) aquelas que descrevem situações que afetam a integridade material de um objeto; (ii) as que codificam mudanças nas propriedades físicas dos materiais, (iii) as que verbalizam mudanças na posição/orientação do objeto. No Quadro 1, apresentam-se alguns exemplos deste tipo de estruturas.

Quadro 1 – Subtipos de estruturas anticausativas de mudança de estado físico

Estruturas que denotam situações que afetam a integridade física do objeto afetado
(23) <i>[...] o mapa rasgou-se em pedaços. (FSP951217-129)</i>
(24) <i>O barco partiu-se em dois. (PUBLICO-19950307-026)</i>
Estruturas que descrevem situações de mudança nas propriedades físicas do objeto afetado
(25) <i>Ela pensou tanto que a maquiagem até derreteu. (FSP950602-110)</i>
(26) <i>Quando foi fazer pipoca doce, não funcionou: o milho não estourou no tempo certo e o açúcar queimou. (FSP950903-210)</i>
Estruturas que codificam situações de mudança de posição/orientação do objeto afetado
(27) <i>Uma roda da carreta de Niterói se soltou [...] (FSP940427-067)</i>
(28) <i>O tripulante do navio bacalhoeiro Viana, que se afundou, sábado, no porto da Horta [...] (PUBLICO-19940421-115)</i>

Fonte: Elaboração própria.

As estruturas do primeiro subgrupo descrevem situações em que o objeto afetado pela situação codificada pelo predicador sofre uma mudança que leva à perda da sua integridade física, isto é, a entidade material em causa deixa de estar inteira. As estruturas anticausativas que codificam mudanças nas propriedades físicas de uma entidade dão conta de situações em que uma substância (matéria ou material), denotada pelo SN sujeito, passa de um estado físico da matéria a outro. Nas estruturas que verbalizam situações de mudança de posição/orientação ou de modo de estar do objeto afetado ocorrem, entre outros, verbos como **abrir**, **afundar**, **derramar**, **desatar**, **dobrar**, **entornar**, **fechar**, **soltar**, denotando alterações não intencionais na posição/orientação de um objeto ou substância.

As estruturas decausativas de *se* também dão conta de situações de mudança de estado psicológico ou emocional. Nestes casos, a entidade que vivencia a mudança de estado exhibe necessariamente o traço [+ animado], assumindo-se tematicamente como um Experienciador, como em (29-30).

(29) *O consumidor se assustou com os preços da coleção outono-inverno na primeira quinzena de abril e evitou as compras.*

(FSP940419-034)

(30) *Guterres entusiasmou-se com as maravilhas tecnológicas [...]*

(PUBLICO-19940601-094)

Também incluímos no âmbito das estruturas anticausativas de mudança de estado aquelas que denotam situações de mudança social ou cultural. Nestes casos, a entidade que sofre a mudança não é nem um objeto, nem uma matéria, não sofrendo, portanto, mudanças de estado físico; também não é uma entidade humana nem animada, não sendo suscetível a mudanças psicológicas ou emocionais. Estes verbos que associamos a situações de mudança de estado social ou cultural dão conta de mudanças em construções sociais/culturais humanas, no sentido de constructos sociais ou culturais resultantes da atuação do homem, como em (31-32).

(31) *Mas foi com a música de O Piano, de Jane Champion, que a música deste compositor se democratizou em definitivo [...].*

(PUBLICO-19951027-006)

(32) *Mas o gosto atravessou oceanos e europeizou-se.*

(PUBLICO-19950310-149)

Recolha de dados

Para recolhermos dados respeitantes ao PB e ao PE, recorremos ao corpus CHAVE (que reúne textos jornalísticos de 1994 e 1995, publicados pelo jornal *Público* e pelo jornal *Folha de São Paulo*), acessível em linha através do centro de recursos da Linguateca (<http://www.linguateca.pt/>). De modo a obtermos um volume de dados analisável, optámos por lançar a pesquisa a partir de um reduzido grupo de verbos, tipicamente associados a cada um dos subtipos de estruturas anticausativas de mudança de estado anteriormente identificados.

Assim, pesquisámos 14 verbos que denotam mudança de estado físico, 5 verbos que descrevem mudança de estado psicológico e 6 verbos que denotam mudança de estado social/cultural. Dos 14 verbos de mudança de estado físico, 7 denotam mudança de estado que afeta a integridade do objeto afetado, 4 descrevem situações de mudanças nas propriedades físicas de uma entidade e 3 denotam mudanças de posição/orientação do objeto afetado.

Depois de recolhidos os dados, procedemos a uma análise cuidada de cada uma das frases obtidas, de modo a identificarmos aquelas em que o predicador estava a ser usado na sua variante intransitiva anticausativa. Terminada esta etapa, obtivemos um *corpus* global que reunia 769 frases.

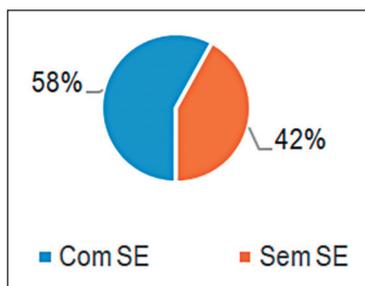
Presença/ausência do clítico *se* em estruturas anticausativas de mudança de estado do PB e do PE: análise de dados dos jornais *Folha de São Paulo* e *Público*

Das 769 frases analisadas, 350 (45,5%) correspondiam a textos publicados no jornal *Folha de São Paulo* e 419 (54,5%) eram oriundas de textos publicados no jornal *Público*.

Como o nosso principal objetivo, ao fazermos a pesquisa, passava por averiguar se existiam discrepâncias no que respeita à presença/ausência de *se* nas duas variedades do português em análise e nos vários tipos de estruturas acima definidos, procedemos, de imediato, a uma análise global dos dados em estudo, concluindo que, das 769 ocorrências, 575 surgem com clítico **se** (74,8%) e 194 sem clítico (25,2%).

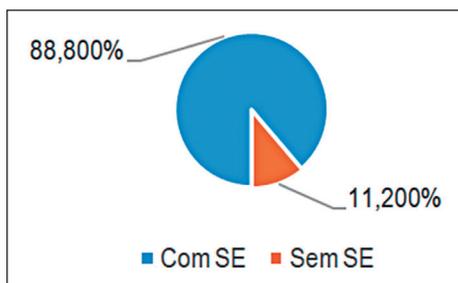
A partir desta análise global, afunilámos o âmbito do estudo. Ao analisarmos apenas as ocorrências encontradas nos textos da *Folha de São Paulo*, identificámos uma distribuição um pouco mais equilibrada, com 58% de estruturas com **se**, contra 42% de estruturas sem clítico. Já nos textos do jornal *Público* prevalecem claramente as estruturas com **se** (88,8%), havendo um número bastante reduzido de construções anticausativas sem **se** (11,2%). Vejam-se os Gráficos 1 e 2, que ilustram estas tendências.

Gráfico 1 – Presença/ausência do clítico *se* nos dados do jornal *Folha de São Paulo*



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 2 – Presença/ausência do clítico *se* nos dados do jornal *Público*



Fonte: Dados da pesquisa.

Perante estes valores discrepantes, procurámos verificar se estas tendências se confirmam em todos os subtipos de estruturas anticausativas de mudança de estado ou *se*, pelo contrário, são mais evidentes numas estruturas do que noutras. Para esta análise, tivemos em conta os três subtipos de estruturas anteriormente caracterizados.

No caso das estruturas de mudança de estado físico (num total de 528 ocorrências), constatámos a existência de duas realidades opostas: nos dados obtidos a partir da *Folha de São Paulo*, prevalecem as estruturas sem *se* (62,8%); nos dados retirados do *Público*, dominam as estruturas de *se* (84,6%). Porém, este cenário não se repete ao analisarmos cada um dos subtipos de estruturas de mudança de estado físico acima identificados.

Nas estruturas que denotam situações de mudança de estado físico que afetam a integridade do objeto, constata-se uma clara preferência pelas estruturas com clítico: no *Público*, essa prevalência é muito evidente (mais de 90% das ocorrências têm *se*), ao passo que na *Folha de São Paulo*, a situação é menos extremada (60% das estruturas deste tipo têm *se*, 40% são destituídas de clítico).

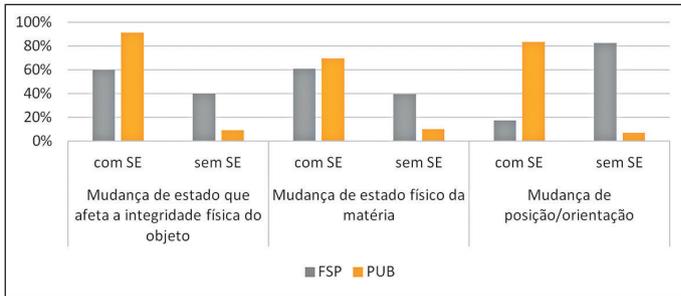
No caso das estruturas anticausativas que descrevem situações de mudança nas propriedades físicas do objeto, os dados revelam-se bem mais equilibrados: as estruturas destituídas de clítico atingem os 39% nos dados da *Folha de São Paulo* e os 30% nos dados

obtidos do jornal *Público*; as estruturas com clítico correspondem a 70% das ocorrências no *Público* e a 60% na *Folha de São Paulo*.

Nas estruturas que denotam mudança de posição/orientação do objeto afetado, os valores obtidos voltam a ser muito discrepantes entre as duas variedades da língua portuguesa em apreço. Assim, nos resultados da *Folha de São Paulo* prevalece claramente a ausência de *se* (82,5%), ao passo que no *Público* as ocorrências de *se* são as mais frequentes (83,3%).

No Gráfico 3 esquematizam-se os dados referentes aos três subtipos de estruturas de mudança de estado físico analisados.

Gráfico 3 – Presença/ausência de *se* nos três subtipos de estruturas de mudança de estado físico (dados: *Folha de São Paulo* e *Público*)



Fonte: Dados da pesquisa.

Da análise do Gráfico 3, constata-se que, nos dados do PE, *se* continua a registrar uma clara preferência pelas estruturas com clítico, independentemente do tipo de mudança de estado físico em causa. Já nos dados do PB, essa tendência é contrariada nas estruturas que descrevem mudanças de posição/orientação do objeto, com uma preferência nítida pela perda de *se*.

Nos dados referentes a situações de mudança de estado psicológico, a tendência é a mesma nas duas variedades da língua portuguesa: o claro predomínio da presença de clítico. Aliás, essa é a única possibilidade atestada nos dados recolhidos a partir da *Folha de São Paulo*, ao passo que nos do *Público*, apenas 2,3% surgem sem clítico.

Um cenário semelhante, embora ainda mais extremado, ocorre nas estruturas que denotam mudanças de estado social/cultural. Neste caso, tanto nos dados da *Folha de São Paulo* quanto nos do *Público*, ocorrem exclusivamente exemplos com **se**.

Os dados que analisámos permitem-nos identificar algumas regularidades que poderão contribuir para percebermos esta flutuação associada à presença/ausência do clítico nas estruturas anticausativas de mudança de estado.

Antes de mais, constata-se que, na realidade, esta opcionalidade de presença/ausência de clítico se verifica maioritariamente nas estruturas que descrevem situações de mudança de estado físico. Efetivamente, nas estruturas associadas a mudanças de estado social/cultural o *se* tem presença em 100% das ocorrências analisadas. Nas estruturas que descrevem mudanças de estado psicológico, há também, no PB, apenas ocorrências com *se*. No PE, os valores de estruturas de **se** são também extremamente elevados, sendo residual o uso destes verbos sem clítico.

Perante estes dados, parece-nos que poderão ser de dois tipos as razões que os justificam: questões de natureza semântico-ontológica e questões de natureza morfológica.

Nas estruturas que descrevem situações de mudança de estado psicológico e situações de mudança de estado social/cultural, o objeto afetado é tendencialmente um ser humano (no caso das situações de mudança de estado psicológico) ou um constructo social/humano (nas situações de mudança social/cultural). Ora, ocorrendo o objeto afetado na posição de sujeito sintático, facilmente surgiriam situações de ambiguidade, pois os seres humanos e alguns destes constructos sociais/humanos são considerados causadores prototípicos. Assim, nestas circunstâncias, acreditamos que, como já tinham defendido Paulo Chagas de Souza (1999) e Pablo Nunes Ribeiro (2010), a presença de **se** contribui para que ativar a leitura anticausativa, eliminando-se a possível ambiguidade resultante da presença de um objeto afetado [+ humano] na posição de sujeito. Corroborar-se, deste modo, a posição acima adiantada, em que se considerava que o clítico **se**, nas estruturas anticausativas de mudança de estado, se assume como um marcador diatésico a que

o falante recorre sempre que pretende sublinhar que se trata precisamente de um uso intransitivo anticausativo do predicador em questão.

Por outro lado, os dados encontrados indiciam que as características morfológicas dos predicadores também poderão ter interferência na opção pela perda ou manutenção do clítico. Efetivamente, os predicadores usados para descrever mudanças de estado social/cultural e mudanças de estado psicológico são, com grande frequência, verbos denominais e deadjetivais (**democratizar, banalizar, vulgarizar, europeizar, americanizar, assustar, entristecer, entusiasmar, intimidar...**), tipos com os quais se verifica ser mais difícil a perda de **se**. Aliás, mesmo no âmbito das estruturas de mudança de estado físico, em que há mais propensão para a queda do clítico, constata-se que este se mantém sobretudo junto a predicadores denominais (**fragmentar, cristalizar, estilhaçar...**).

Conclusões

Neste trabalho, realizámos um estudo da presença/ausência do clítico *se* em estruturas anticausativas de mudança de estado do PB e do PE, representativas do estado de ambas as variedades da língua portuguesa (registo jornalístico) na última década do século XX.

Esta análise foi feita a partir de uma classificação, semanticamente motivada, das estruturas em causa, tendo-se constatado que a propensão para a omissão do clítico é mais evidente no PB do que no PE. Concluiu-se, ainda, que a flutuação no que concerne ao uso do clítico *se* verifica predominantemente nas estruturas que descrevem mudanças de estado físico. Contrariamente, as estruturas que codificam mudanças de estado psicológico e mudanças de estado social/cultural continuam a ocorrer quase exclusivamente com clítico **se**.

Acreditamos que esta tendência para a manutenção do clítico nestes dois tipos de estruturas poderá ser o resultado de razões de duas ordens: razões morfológicas, pois muitos verbos usados para codificar este tipo de situações são verbos derivados (denominais

ou deadjetivais), que se revelam menos propensos à queda de **se**; razões semântico-ontológicas, na medida em que, nestas estruturas, o respetivo sujeito sintático (semanticamente um Tema ou Experienciador) exhibe o traço [+ humano], o que cria uma potencial situação de ambiguidade: deste modo, o clítico ocorre como forma de marcar claramente a leitura anticausativa.

Assim, os dados obtidos contribuem para corroborar a hipótese, reforçada na secção 2 deste trabalho, de que o clítico **se** usado nas estruturas intransitivas anticausativas de mudança de estado não tem estatuto argumental nem se assume como operador diatésico, funcionando antes como um marcador diatésico usado pelos falantes sempre que necessário, nomeadamente em situações de possível ambiguidade.

Estas conclusões, obtidas a partir de um *corpus* com 20 anos e contendo exclusivamente dados de textos jornalísticos, muito beneficiarão com um estudo mais alargado, em que se possam analisar detalhadamente os cotextos e contextos em que surgem os verbos sob escopo. Assim, o presente trabalho afigura-se sobretudo como o ponto de partida para um estudo amplo, que continua por fazer, que permita compreender, com base em dados mais recentes e de proveniências mais diversas, se a situação retratada neste estudo se mantém ou se revela já outros contornos.

REFERÊNCIAS

BAKER, M.; JONHSON, K.; ROBERTS, I. Passive arguments raised. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v.20, n.2, p.219-251, 1989.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. **Unaccusativity**: at the syntax-lexical semantics interface. Cambridge: London: MIT Press, 1995.

MENDIKOETXEA, A. Construcciones inacusativas y pasivas. In: BOSQUE I.; DEMONTE, V. (Org.). **Gramática descriptiva de la lengua española**: las construcciones sintácticas fundamentales:

relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid: Espasa: Calpe, 1999. v.2, p.1575-1629.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Elementos para a investigação da semântica do clítico se no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.57, n.1, p.41-59, 2015.

NUNES, J. Ainda o famigerado se. **Delta**, São Paulo, v.11, n.2, p.201-240, 1995.

PEREIRA, R. **Formação de verbos em português**: afixação heterocategorial. Muenchen: Lincom Europa, 2007.

REINHART, T.; SILONI, T. The Lexicon-Syntax parameter: reflexivization and ather arity operations. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v.36, n.3, p.389-436, 2005.

RIBEIRO, P. N. **A alternância causativa no português do Brasil**: a distribuição do clítico se. 2010. 128f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RIBEIRO, S., I. do R. **Estruturas com se anafórico, impessoal e decausativo em português**. 2011. 309f. Dissertação (Doutoramento em Letras) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

SANCHEZ LOPEZ, C. **Las nonstruciones con Se**. Madrid: Visor Libros, 2002.

SCHÄFER, F. The causative alternation. **Language and Linguistics Compass**, West Sussex, v.3, n.2, p.641-681, 2009.

SOUZA, P. C. de. **A alternância causativa no português do Brasil**: defaults num léxico gerativo. 1999. 200f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.